

Gestão e organização de sala de aula

Classroom management and organization

DOI:10.34117/bjdv7n12-076

Recebimento dos originais: 12/11/2021

Aceitação para publicação: 03/12/2021

Estela Fortes Marques Cassia

Pós-graduação em Docência Matemática, pela Faculdade SESI e Stanford e Gestão Escolar.

Escola *SESI-SP* Paulo Skaf.

Av. Antenor da Silva Andrade, 183, Campo Alegre – Pindamonhangaba/SP

E-mail: estela.marques@sesisp.org.br

Fabiano Pereira da Silva

Pós-graduação em Docência Matemática, pela Faculdade SESI e Stanford.

Escola *SESI – SP – CE 433*

Av. Conselheiro Ramalho, 264 – Santana de Parnaíba - SP

E-mail: fabiano.silva@sesisp.org.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo explicar as ideias relacionadas à gestão e organização de sala de aula. Dentre as diversas estratégias para alcançar este propósito com êxito, selecionamos uma delas: o trabalho em grupo. Nesse sentido, buscou-se o entendimento sobre o que não é trabalho em grupo, para depois mostrar que o planejamento das atividades começa desde o critério utilizado para a formação dos grupos até a definição da rotina, das funções dos integrantes e do cronograma para a execução das tarefas. Dessa forma, constatou-se que, uma boa gestão em sala de aula está diretamente relacionada à uma boa organização da aula.

Palavras-chave: Gestão, Organização, Sala de aula.

ABSTRACT

This article aims to explain the ideas related to classroom management and organization. Among the various strategies to successfully achieve this purpose, we selected one of them: group work. In this sense, we sought to understand what group work is not, and then to show that the planning of activities starts from the criteria used to form the groups to the definition of the routine, the members' roles, and the schedule for performing the tasks. Thus, it was found that good classroom management is directly related to good classroom organization.

Keywords: Management, Organization, Classroom.

1 INTRODUÇÃO

A educação é, se não a mais importante forma do ser humano expressar seus princípios humanos, políticos, sociais e econômicos. O ensino vai nortear a educação para que haja entendimento e respeito ao espaço de cada um. Acredito que o professor é um dos atores que participam do processo educacional e de ensino. Ele possui um papel especial na propagação da educação, através do ensino. Mas para que o ensino seja efetivo é preciso segundo Rogers (2008; p.121):

“[...] incluir os valores que subjazem o que aspiramos em um “ensino efetivo”. Os valores principais como respeitar todos os alunos (até mesmo o respeito cívico básico) e a igualdade de tratamento (justiça) são aceitos universalmente pelos alunos de qualquer idade como indicadores de um “ensino efetivo”.

2 COMO CRIAR UM AMBIENTE EFICAZ DE ENSINO E CONSTRUIR UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

Para a sala de aula ser eficaz, acolhedora e equitativa pretende-se durante a execução do plano de aula, primeiramente acolher os alunos com sorriso nos olhos, cumprimentá-los, orientá-los para que procurem seus lugares predefinidos com arranjos de sala de aula em formato de grupos com 4 pessoas cada. Quando a sala de aula não dispõe de carteiras já agrupadas, no início do ano enquanto os professores constroem o contrato de convivência, é importante deixar definido como uma das regras, para que durante as aulas, eles organizem as carteiras antecipadamente. Também seria interessante definir as funções, ou seja, os papéis a serem desempenhados por cada integrante do grupo: facilitador, controlador de tempo, administrador de recursos, repórter e harmonizador. De acordo com Rachel Lotan é importante ver a sala de aula como um “Sistema Social”:

“[...] ao invés de uma coletânea de trinta (e às vezes mais) jovens liderados e supervisionados por um adulto, nos permite explorar, em primeiro lugar, como professores podem usar a autoridade e seu papel para empoderar os estudantes a se autorregular”.

(Excerto retirado do texto SALAS DE AULA EQUITATIVAS)

Para que o ambiente da minha sala de aula seja eficaz também será necessário criar regras e rotinas. Mais do que isso, elas deverão ser definidas juntamente com os alunos e com clareza, para que eles compreendam quais serão os objetivos da aula, a importância de manter o ambiente daquela maneira, para que se sintam parte integrante e

protagonistas da aula. Para EVERTSON; WEINSTEIN (2006), descrito por Novodvorsky & Weinstein (2015, cap. 1, p. 5):

“A gestão na sala de aula tem dois propósitos distintos: ela não apenas procura estabelecer e manter um ambiente ordenado e atencioso no qual os alunos possam engajar-se em aprendizado significativo, mas também almeja estimular o crescimento emocional e social dos estudantes”.

Assim, cria-se uma comunidade de aprendizagem a partir dos cinco princípios da gestão da sala de aula sugeridos por Weinstein & Novodvorsky (2015, cap.1, p.5-7). O primeiro princípio partirá do senso de responsabilidade social. É importante definir normas com os alunos visando a garantia de aprendizado durante toda a aula. A norma que regerá o desenvolvimento das tarefas será garantir a aprendizagem de todos os integrantes do grupo e não terminar até que todos tenham compreendido. Além disso, sugere-se combinar com os estudantes não “caçoar” da dificuldade de ninguém, mas estar disposto a ensinar com paciência e carinho.

O segundo princípio está pautado na relação não só didática, mas também emocional entre professor e aluno. É importante para o estudante, o professor demonstrar que está ali não só para mediar às situações de aprendizagem, mas principalmente para ajudá-los. Uma das missões do professor será conquistar a confiança e o respeito do aluno. Em terceiro lugar, todo o aprendizado será significativo para o aluno. Ele tem que saber o motivo pelo qual está trabalhando aquele assunto e o que eu quero que ele alcance. Para Doyle (1985, p.33), descrito por Weinstein & Novodvorsky (2015, cap.1, p.5-7) “uma aula bem executada em que não se ensina nada é tão inútil quanto uma lição caótica em que nenhum trabalho acadêmico é possível”. A partir do quarto princípio pretende-se levantar informações sobre a vida daqueles alunos com dificuldade para compreender seu comportamento e adotar estratégias diferenciadas que os façam aprender. O quinto e último princípio leva a reflexão de que não existe uma técnica ideal ou uma “receita de bolo” para atingir uma boa gestão em sala de aula. Cabe aos professores experimentar diferentes abordagens, de maneira a encontrar aquela que melhor se enquadra ao seu contexto escolar.

3 EXPECTATIVAS, REGRAS E ROTINAS E PROCEDIMENTOS EM SALA DE AULA

As normas a serem seguidas pelos alunos serão construídas juntamente com eles e se pautarão nas questões já supracitadas, como garantir o aprendizado de todos e

oferecendo-se para ajudar os colegas, com paciência e cordialidade. As regras serão diferenciadas para cada tarefa que se for trabalhar e haverá a participação dos alunos em sua construção. Já as rotinas serão vinculadas às etapas da aula que se quer cumprir e deverão ser negociadas com os alunos. Segundo Weinstein e Novodvorsky (2015, p.82) e grifos de Adilson Dalben e Suzy F. Pecht (2017):

“[...] Não conhecer as normas de comportamento adequado provoca insegurança e mal-entendidos, mesmo entre adolescentes deslocados. Já as regras e rotinas claramente definidas ajudam a criar um ambiente previsível e compreensível”.

As regras e rotinas serão reforçadas a cada tarefa, mas serão incorporadas às tarefas somente aquelas pertinentes ao cumprimento da tarefa em questão. Vale lembrar que elas existem para facilitar o trabalho do professor, não tendo a intenção de engessar a aula. Deve-se lembrar que estamos lidando com seres humanos passíveis de descumprimento de regras e rotinas. Será neste momento, portanto, necessário considerar que o trabalho junto com os princípios norteadores, visam o entendimento do aluno não só como ser racional, mas também emocional.

As expectativas estabelecidas com os alunos, bem como as devolutivas sobre comportamentos e aprendizagens serão comunicadas aos familiares por e-mails, reuniões, chamadas telefônicas, encontros pedagógicos etc. Nessa perspectiva é triste ver escolas chamando os pais somente para falar das dificuldades de seus filhos e do não cumprimento de normas e regras.

O importante é desmistificar a relação professor x pais, para que seu relacionamento seja realmente produtivo e eficaz. Isso significa ter um olhar atento às famílias e procurar ajudá-las a resolver seus problemas, como: organizar o espaço para os filhos realizarem as tarefas, explicar como as famílias podem ajudar os filhos, incluir os pais nas tomadas de decisões escolares etc.

Mas para que estas ações sejam eficazes, será necessário antes a escola levantar informações sobre a comunidade que a cerca e elencar quais as reais necessidades que ela enfrenta (Grifo meu / Novodvorsky; Weinstein, p.145).

Novodvorsky e Weinstein (P.147) enfatizam ainda que:

“A pergunta crucial, no entanto, não é apenas se a comunicação ocorre, mas quando ela ocorre, se a mensagem está sendo compreendida e se ela leva a sentimentos de confiança e respeito ou de alienação e ressentimento”.

4 TRABALHO EM GRUPO EM SALAS DE AULA HETEROGÊNEAS

Essencialmente, antes do professor começar a planejar a aula para um trabalho em grupo, ele deve refletir sobre “O que não é um trabalho em grupo:”

- Reunião de alunos que se agrupam somente para “estarem juntos”;
- Realização de uma atividade sem a troca de ideias;
- Agrupar por critérios: “os melhores como os melhores e os piores com os piores”, ou ainda mesclar para “ver se aprende alguma coisa com quem entende”;
- Um faz tudo e coloca o nome dos outros;
- Definir as funções de cada um pode ajudar na contribuição dos estudantes ao longo da atividade em grupo.

4.1 CONTEXTO

Não é fácil trabalhar em grupo, pois geralmente os alunos acabam se desentendendo. Mas não devemos deixar de proporcionar esses momentos, pois acredita-se que a única maneira de aprender a trabalhar em grupo é trabalhando em grupo. Só que existem muitas maneiras de facilitar e aprimorar o desenvolvimento desta metodologia, dentre elas estão: planejar e organizar a aula, delimitando as rotinas e tarefas a serem executadas; propor uma atividade interessante; realizar agrupamentos coerentes, a partir do estudo das habilidades pretendidas para cada tarefa e alinhamento dos reais potenciais dos estudantes para a formação de grupos de forma justa; compartilhar as regras e as funções de cada integrante; dentre outros. Como Cohen & Lotan (cap 5; p.69) afirmam em: “Você pode evitar o problema orientando a turma para a finalidade do trabalho em grupo, sendo transparente, consistente e eficiente nas suas tarefas”.

4.2 PLANEJAMENTO

É importante traçar um objetivo para a aula. Por exemplo: se o objetivo é compreender o estudo das frações como ampliação do campo numérico e entender a relação que se estabelece entre as representações decimal e fracionária, pensemos que uma atividade em grupo para esse objetivo, poderia esclarecer a ideia dos números racionais, compreendendo que assim como a fração está para o número decimal, o número decimal está para a fração. Seria uma oportunidade interessante aos alunos, para buscar uma visão crítica das opiniões colocadas, de modo a analisar uma escolha mais cabível e desenvolver a consciência de que seria possível levantar mais de uma hipótese para a solução.

O conhecimento sobre os números racionais trabalhado em outros momentos com os alunos, pode nortear o objetivo da atividade, aja visto que eles deveriam ter uma noção de fração e números decimais. Porém, acredita-se que a ideia de relacionar um termo com o outro e torná-los mais próximos, ficaria mais claro após essa atividade em grupo.

Durante o desenvolvimento da aula, a linguagem deve estar presente do início ao fim, tanto da parte do(a) professor(a), como dos alunos, e ainda, entre eles. Segundo Cohen & Lotan (cap.7; p.93), “(...) os alunos adquirem proficiência linguística quando são expostos a ambientes ricos em linguagem”. O intuito é ser breve nas orientações, falando somente o necessário, pois segundo Cohen & Lotan (cap. 5; p.67): “(...) um dos erros mais comuns é tentar colocar um peso muito grande na orientação, tornando-a longa”. No primeiro momento da aula, pode-se usar a linguagem do acolhimento, do estabelecimento da organização do espaço e materiais, na apresentação dos objetivos da aula e na explicação do cronograma. Já no segundo momento, a participação e a linguagem exercida deverá ser muito mais por parte dos alunos do que do(a) professor(a). A preocupação aqui é tornar a aprendizagem dos alunos mais ativa (Cohen & Lotan; 2017). A linguagem deve estar presente na leitura do cartão de atividades, na explanação da proposta aos colegas, no fazer o colega entender a sua intenção, na troca de conhecimentos, etc. E a medida em que os alunos participam ativamente da proposta, faça novamente o uso da linguagem durante as intervenções que forem ocasionadas pelos próprios questionamentos dos alunos, propiciados pelas calorosas discussões durante a execução da tarefa e da socialização. A linguagem poderá aparecer também na devolutiva da atividade frente ao que os estudantes construíram ao longo da aula.

Pretende-se construir um plano de aula que contemple as ideias principais do planejamento reverso, que segundo Stephen R. Covey (1989, p.98), por Grant Wiggins e Jay McTighe (2017, p.02):

Começar com o fim em mente significa começar com uma compreensão clara do seu destino. Isso significa saber para onde você está indo para entender melhor onde você está agora, para que os próximos passos sejam sempre na direção certa.

fundamental para elevar as expectativas a seu próprio respeito e mudar a percepção que seus colegas têm deles” (COHEN; LOTAN, 2017).

Então, para o plano de aula descrito anteriormente, antes de iniciar a aula, a ideia é organizar os agrupamentos da seguinte maneira: cria-se uma lista com uma amostra de alunos e atribui-se algumas habilidades intelectuais para cada um deles, como ilustra o quadro abaixo:

Alunos	Habilidades
Lúcia	<ul style="list-style-type: none">- Se comunica com facilidade;- Se expressa com clareza;- Realiza críticas com argumentação;- Possui médio status;- Apresenta agilidade e empenho.
João	<ul style="list-style-type: none">- Possui bom raciocínio estrategista;- Apresenta agilidade;- Se comunica com facilidade;- Busca analisar para compreender situações conflitantes;- Realiza cálculos com rapidez.
José	<ul style="list-style-type: none">- Possui capacidade organizacional;- Se comunica com facilidade;- Realiza ilustrações com detalhamento.- Dinamiza situações com muitos obstáculos;- Possui organização rítmica corporal.
Patrícia	<ul style="list-style-type: none">- Liderar grupos;- Realiza críticas com argumentação;- Se expressa com clareza;- Possui médio status;- Apresenta ideia inovadoras.

4.4 AVALIAÇÃO

O planejamento e a política de avaliação contribuem para a clareza na definição do objetivo a ser alcançado durante o processo de aprendizagem. “(...) os objetivos nos ajudam a focar aquilo que é importante” (RUSSEL & AIRASIAN; cap. 3, 2014). É importante que o educador ofereça suporte para que o estudante chegue o mais próximo possível da metacognição, descentralizando a responsabilidade somente do professor frente ao processo avaliativo. Assim, sugere-se descrever as ações que serão realizadas para que o objetivo seja alcançado, como: apresentação, autoavaliação, análise do erro, registro das tarefas, produção de texto, etc. Além disso, a intenção é planejar para que o estudante e o professor mobilizem ações, para que se construam fortalezas diante das fragilidades. As avaliações diagnósticas, formativas e somativas, visam certificar a aprendizagem, realizar apontamentos precisos e informar para a tomada de decisões importantes sobre o desenvolvimento do estudante, inclusive sobre aspectos que afetarão

o seu futuro. Como diz Castillo & Cabrerizo (2009, p.38 – 44): “Há que considerar a avaliação como um processo dinâmico, aberto e contextualizado”.

Devemos lidar com o fato de que nós professores não lidamos com um ser estático e irracional, mas em movimento e racional. Portanto, não basta planejar e esquecer que o planejamento existe. Se ele for bem construído, será o seu “porto seguro”, você voltará nele sempre que quiser lembrar dos próximos passos, assim como verificar o que já foi realizado e modificar o que foi feito de modo diferenciado, pois as possibilidades de aprendizagem não se esgotam em apenas um plano, tão somente em uma avaliação apenas.

Assim, sobre o modo de pensar a avaliação, cabe ressaltar: “A avaliação é parte integral do ensino, que não deve ser separada das práticas diárias da sala de aula”. (RUSSELL & AIRASIAN; 2014) Essa reflexão é muito importante, pois como costumava-se acreditar, a avaliação não deve ser pensada separadamente, mas como mais uma forma de verificar, orientar e guiar o processo de ensino e aprendizagem de professores e alunos.

REFERÊNCIAS

Arredondo, Santiago C.; Diago, Jesus C.: **Avaliação Educacional e Promoção Escolar**; Curitiba: Ibepex: São Paulo: Unesp, 2009.

COHEN, Elizabeth G; LOTAN, Rachel A. **Planejando o Trabalho em Grupo**. 3 ed. Porto Alegre. Penso, 2017.

GUSKEY, Thomas R.; BAILEY, Jane M. **Developing grading and reporting systems for student learning**. Thousand Oaks, CA: Corwin Press, 2001. Tradução: Deborah Rufino. Tradução não revisada.

LEMOV, Doug. **Aula Nota 10**. Editora: Da Boa Prosa e Fundação Lemann. 2011.

ROGERS, B. **Gestão de relacionamento e comportamento em sala de aula**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 256p.

BOALER, Jo. **Mentalidades Matemáticas**. Porto Alegre. Penso, 2018.

Russell, Michael K.; Airasian, Peter W: **Avaliação em Sala de Aula: conceitos e aplicações**; ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: AMGH, 2014.

WEINSTEIN & NOVODVORSKY. **Gestão da Sala de Aula**. 4ª ed. Editora: Arquimed.